

Literatura Africana de língua portuguesa

— Entrevista com Michel Larban, professor universitário na França

Dom. 12/8/84

Um francês, professor de língua portuguesa na Universidade de Sorbonne, França, concedeu recentemente uma entrevista à Rádio França Internacional, na qual abordou diversas questões relacionadas com a literatura africana de língua portuguesa. Chama-se ele Michel Larban e é um estudioso nesse campo, estando neste momento a fazer um trabalho de pesquisa sobre o português literário nos países africanos.

Essa entrevista, recentemente publicada pelo programa Cultura Viva da Rádio Moçambique, veio a propósito do seu último trabalho completo: a tradução para francês, do livro «Luanda», do escritor angolano Luandino Vieira

Publicamos alguns excertos dessa entrevista:

— **Como é que surgiu a ideia de traduzir Luandino Vieira?**

— A ideia não me surgiu, porque não foi uma tradução voluntária; foi uma encomenda. Eu não acreditava na possibilidade de traduzir «Luanda» e nem sei como é que ele saiu.

— **Mas, entre o português clássico que aprendeu e o específico de Luandino, deve ter encontrado muitas dificuldades, ou não?**

— Sim, mas não pela compreensão, porque contou com a ajuda do autor. Luandino Vieira deu-me mais de mil definições de palavras que me ajudaram bastante para a interpretação.

— **O que é que pensa sobre a língua portuguesa falada em Moçambique, Cabo Verde, Angola e outros países que utilizam a mesma língua, em que milhares de**

palavras novas foram criadas?

— Isso é fascinante e no caso de Luandino Vieira, o caso complicou-se ainda mais, porque ele mesmo criou palavras. Ele analisou os processos de criação popular e a partir destes, inventou palavras, adaptando o mesmo sistema.

(...) Uma questão importante para perceber o conjunto de inovações linguísticas na literatura, é compreender o valor que tinha em África o facto de se falar «bem» português; falar bem, segundo as normas do português de Portugal. Isso era uma maneira de se tentar escapar ao peso da colonização portuguesa; de se tentar alcançar um certo nível na sociedade. Há um livro que mostra muito bem este problema que é o «**Mestre Tamoda**» do angolano Mendes de Carvalho.

(...) Durante muito tempo esta língua literária foi vista como uma degradação da língua pura, como uma língua selvagem. Para mim essa transformação da norma portuguesa em língua africana tem um grande significado. Um significado cultural e político, mas não é o essencial. Porque o importante é o que se diz, o conteúdo. (...)

— **Mas não acha que a forma de dizer de Luandino Vieira, como as dos outros escritores africanos, é tão importante como o conteúdo?**

— É muito importante a forma, mas não podemos desligá-la do conteúdo. Antes de tudo, o conteúdo é que é o mais importante, porque a forma não tem interesse fora do conteúdo. (...)

— **De que maneira o português tem sido utilizado durante cinco sé-**

culos como língua de opção e como é que pode ser utilizada como factor de unidade nacional? Acha que essa tradição é possível?

— Sim é possível, porque a língua é simplesmente um instrumento. Ela depende da forma como é utilizada. Falei do livro **Mestre Tamoda**; era um homem que tentava utilizar a mesma língua do colonizador, mas com outra finalidade e não conseguiu, porque quis utilizar um instrumento que na realidade não podia, não tinha os meios científicos para tal. A língua depende do que se faz com ela e hoje é utilizada como um factor de unidade nacional. É natural.

— **Dessas centenas de palavras diferentes que encontrou em relação ao português tradicional pensa fazer uma espécie de dicionário de língua africana de origem portuguesa?**

— Não é propriamente um dicionário. Estou a trabalhar num estudo de língua literária. Simplesmente estou a analisar as particularidades linguísticas em relação à norma portuguesa. Todas as palavras e frases que se afastam da norma portuguesa. É este o meu trabalho actual.

Faço o estudo da obra dos angolanos, moçambicanos e outros. Neste trabalho tenho o apoio desses escritores. Cada vez que acabo o estudo de uma obra completa, mando ao escritor o conjunto das minhas observações e peço uma série de explicações, de definições a partir do material que mando. Trabalho sempre no português literário. ■